

1. ALGUNS APONTAMENTOS DA LIÇÃO DE GEORGES DIDI-HUBERMAN SOBRE AS IMAGENS



<https://doi.org/10.36592/978-65-81110-07-9-01>

Alexsandro Linck¹

Imagens são mediações entre homem e mundo. O homem “existe”, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de representar o mundo. Mas, ao fazê-lo, entropõem-se entre mundo e homem. Seu propósito é serem mapas do mundo, mas passam a ser biombos. O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens. Não mais decifra as cenas da imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como conjunto de cenas. Tal inversão da função das imagens é idolatria. Para o idólatra – o homem que vive magicamente –, a realidade reflete imagens. Podemos observar, hoje, de que forma se processa a magicização da vida: as imagens técnicas, atualmente onipresentes, ilustram a inversão da função imaginística e remagicizam a vida.²

1 Introdução

Na obra *Imágenes pese a todo: memoria visual del Holocausto*³, Georges Didi-Huberman — filósofo, historiador, crítico de arte e professor da “École des Hautes Études en Sciences Sociales” (Paris, França) —, trabalha com a questão da “Shoah”, também identificada como o “Holocausto”⁴, a partir de quatro fotografias, de meados de 1944, que registraram as imagens dos poços de incineração de corpos humanos em Auschwitz-Birkenau. As fotografias em questão são o fruto da atividade de integrantes da “Sonderkommando”⁵ que — ligados à resistência polonesa e na posse de uma

¹ Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: alexsandro.linck@edu.pucrs.br. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*, 2011, p. 23-24.

³ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imágenes pese a todo: memoria visual del Holocausto*, 2004. Esta obra em língua espanhola foi traduzida da partir da publicação da obra em língua francesa, cujo título original é “Images malgré tout” (Paris: Les Éditions de Minuit, 2003).

⁴ Usa-se o termo “Shoah” para referir-se à morte de milhares de judeus na Europa, uma vez que a palavra “Holocausto” contempla um sentido religioso e, assim, problemático para a designação do ocorrido com os judeus durante a segunda guerra mundial, considerando-se os ensinamentos de: DANZINGER, Leila. *Shoah ou Holocausto: a aporia dos nomes*, 2007.

⁵ Um comando especial de prisioneiros, ou seja, judeus que eram obrigados a trabalhar nos crematórios realizando a atividade de encaminhar os demais judeus às câmeras de gás, dos cadáveres aos fornos crematórios e da limpeza respectiva: “[...] los miembros del Sonderkommando, el comando especial de detenidos que se ocupaba, sin protección, del exterminio de masas. [...] Es necesario decirlo de nuevo: su trabajo consistía en manipular la muerte de millares de sus semejantes. En ser testigos de todos sus

câmera fotográfica, que chegou ao campo de concentração em um balde —, lograram êxito, expondo a vida ao risco da morte imediata, em apertar o obturador do equipamento fotográfico e, assim, capturar as imagens⁶ que expuseram ao mundo as atrocidades realizadas naquele local de extermínio de pessoas: a execução, naquele período, atingia a monta de vinte e quatro mil judeus húngaros ao dia; foram exterminados mais de 435 mil judeus em um período de quatro meses.⁷

Com efeito, a obra contempla um debate essencial em torno das imagens registradas: “o imaginável como experiência não pode ser o inimaginável como dogma”⁸. Ou seja, o inimaginável não pode ser visto como um dogma, pois o inimaginável faz-se presente na humanidade, a experiência que dá suporte ao imaginável não tem o condão de afastar aquilo que ainda não se manifestou na concretude experimentada. O inimaginável não é dogma: as imagens realizadas pelos integrantes da “Sonderkommando” são o testemunho de atrocidades realizadas, negadas à época a partir, justamente, do desfazimento de qualquer indício ou registro: os nazistas pretendiam eliminar os registros das atrocidades inimagináveis⁹, mas foram “denunciados” pelo testemunho de sobreviventes e, antes disso, por imagens que continham o retrato do extermínio de seres humanos; o registro de atividades inimagináveis.

Por isso, a partir dessa lição de Georges Didi-Huberman, são verificadas duas imagens do “Álbum de Auschwitz”, publicadas em 27 de janeiro de 2017 pelo Jornal El País, na tentativa de demonstrar que as imagens podem contemplar além daquilo que retratam “[...] apesar de nossa incapacidade de saber olhá-las como elas merecem, apesar de nosso próprio mundo confuso e quase asfíxiado de mercadorias

últimos momentos. En estar obligados a mentir hasta el final (un miembro del Sonderkommando que había querido informar a las víctimas de su destino fue arrojado vivo al fuego del crematorio, y su compañeros tuvieron que asistir a le ejecución)”. DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imágenes pese a todo: memoria visual del Holocausto*, 2004, p. 18-19).

⁶ Os negativos das fotografias foram retirados do campo de extermínio dentro de um tubo de pasta de dente DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imágenes pese a todo: memoria visual del Holocausto*, 2004, p. 33: “[...] Se extraerá el segmento de película, se llevará al coampo central y, finalmente, se sacará de Auschwitz dentro del tudo de pasta de dientes doente lo escondió Helena Dantón, empleada del comedor de las SS”.

⁷ Cf. FELDMAN, Ilana. *Imagens apesar de tudo: problemas e polêmicas em torno da representação, de “Shoah” a “O filho de Saul”*, 2016.

⁸ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imágenes pese a todo: memoria visual del Holocausto*, 2004, p. 11.

⁹ “[...] Las SS sabían de antemano que una sola palabra de un miembro superveniente del Sonderkommando anularía todas las negaciones, todas las argucias ulteriores sobre la gran masacre de los judíos en Europa” DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imágenes pese a todo: memoria visual del Holocausto*, 2004, p. 18.

imaginárias”¹⁰.

2 Duas fotografias do “Álbum de Auschwitz”

Em 27 de janeiro de 2017, o Jornal *El País* — na edição digital e em língua portuguesa, publicada na Internet¹¹ —, disponibilizou um “álbum” composto por quinze fotografias que retratam o campo de extermínio Auschwitz-Birkenau, extraídas do acervo do Museu Yad Vashem¹². Dessas, foram escolhidas duas fotografias¹³ para esboçar alguns apontamentos a partir da lição de Georges Didi-Huberman: a primeira imagem retrata algumas mulheres judias com seus filhos no momento em que caminham para as câmaras de gás, ou seja, para a morte. A segunda imagem captura o momento em que os judeus anciãos, provenientes do gueto de Beregovo, são auxiliados para descer de um dos vagões dos trens que os transportavam até o campo de extermínio Auschwitz-Birkenau.

Essas duas fotografias não estão entre as quatro fotografias utilizadas na obra ‘*Imágenes pese a todo*’ de Georges Didi-Huberman (2004)¹⁴, entretanto, se prestam para demonstrar que não se pode negar o inimaginável em termos das atrocidades praticadas em Auschwitz-Birkenau, ou seja, “quando algo se apresenta como impensável ou inimaginável, é aí que deve trabalhar o pensamento e a imaginação, a maior das faculdades políticas”¹⁵. Eis, então, as duas fotografias escolhidas:

¹⁰ “Pese a todo, imágenes: pese a nuestra propia incapacidad para saber miraras tal y como se merecerían, pese a nuestro propio mundo atiborrado, casi asfixiado, de mercancía imaginaria”. DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imágenes pese a todo: memoria visual del Holocausto*, 2004, p. 17.

¹¹ YAD VASHEM. *O Álbum de Auschwitz*, 2017.

¹² YAD VASHEM. Yad Vashem - The World Holocaust Remembrance Center, 2019.

¹³ As fotografias são impactantes aos sentimentos do homem. Assim, escolheu-se duas fotografias que retratam crianças, cuja imagem, a partir daquilo que ensina Georges Didi-Huberman, nos olha.

¹⁴ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imágenes pese a todo: memoria visual del Holocausto*, 2004, p. 272. Esta obra em língua espanhola foi traduzida a partir da publicação da obra em língua francesa, cujo título original é “*Images malgré tout*” (Paris: Les Éditions de Minuit. 2003).

¹⁵ FELDMAN, Ilana. *Imagens apesar de tudo: problemas e polêmicas em torno da representação, de “Shoah” a “O filho de Saul”*, 2016. p. 148.

Figura 1 - Mulheres judias com seus filhos



Fonte: El País (2017).¹⁶

A fotografia em questão (figura 1) em uma visualização simples, sem qualquer imaginação do inimaginável não permite a constatação sobre o fato de que tais pessoas estavam caminhando para morte mediante a inalação de gás. O discurso nazista era que seriam desinfetadas nos chuveiros, mas, em realidade, chegando às câmaras de gás eram mortas na presença dos filhos que assistiam a morte dos pais antes do próprio óbito — em decorrência de o gás (Zyklon B) ser mais leve que o ar e permanecer por mais tempo na parte superior do ambiente, os adultos (por conta da sua altura superior em relação às crianças) inalavam e morriam primeiro. Então, mesmo que em uma morte classificada como rápida, as crianças sofriam de forma dupla: ao assistir a morte dos pais e depois pela própria morte.¹⁷

¹⁶ YAD VASHEM. O Álbum de *Auschwitz*, 2017.

¹⁷ O extermínio por inalação de gás tóxico é uma marca do nazismo. A rapidez e eficácia do método foram importantes para a sua implementação nos campos de concentração. E quando os alemães foram julgados pelos crimes cometidos contra a humanidade, o Dr. Sven Anders, médico forense da Universidade de Hamburgo-Eppendorf, contou detalhadamente os efeitos do atroz Zyklon-B, um gás letal criado pelos alemães para acabar com a vida de milhões de presos nos campos de concentração. Antes de chegar às câmaras de extermínio, o Zyklon-B foi concebido originalmente como pesticida. Hitler, com um plano genocida que requeria matanças inconcebivelmente numerosas em um espaço

Figura 2 - Judeus anciães



Fonte: Fonte: El País (2017)¹⁸

A fotografia acima (figura 2), como exposto antes, registra o momento em que os judeus anciães, provenientes do gueto de Beregovo, são auxiliados para descer de vagões dos trens que os transportavam até o campo de extermínio Auschwitz-Birkenau. Além da importância do registro, pelo fato de também comprovar as

mínimo de tempo, procurou avançar sobre novas formas de extermínio maciço, mais rápidas e eficientes.

Em setembro de 1941, no campo de Auschwitz, foram iniciados os primeiros testes com o Zyklon-B, contra 600 prisioneiros de guerra soviéticos e 250 doentes. Ao entrar em contato com o ar, os grânulos do Zyklon-B se transformavam em um gás mortal. Rapidamente, foi demonstrado que se tratava de um método mais eficiente, e por isso ele foi escolhido para ser o agente dos massacres em Auschwitz e outros campos. De acordo com o Dr. Sven Anders, a inalação do gás gerava uma dor extrema e convulsões violentas, que atacavam o cérebro e produziam um ataque cardíaco em questão de segundos. Nas palavras do médico, o gás, mais leve que o ar, ‘penetrava nos pulmões por meio da inalação e bloqueava a respiração celular’. O coração e o cérebro eram os primeiros afetados. ‘Os sintomas começavam com uma sensação de queimação no peito similar à que causa a dor espasmódica e à que ocorre durante os ataques de epilepsia. A morte por parada cardíaca acontecia em questão de segundos. Era um dos venenos de ação mais rápida’, acrescenta o doutor. Outro fator importante na hora de morrer por inalação de Zyklon-B era a altura da vítima. Por ser um gás mais leve que o ar, ele se acumulava nos espaços superiores da câmara de gás, matando primeiro os adultos. *As crianças, por sua vez, morriam minutos depois de ter visto morrerem seus entes queridos, sofrendo ainda mais que ele*. (grifo nosso). (Assim funcionava o Zyklon-B, o gás usado por nazistas em Auschwitz. History. HISTORY. Assim funcionava o Zyklon-B, o gás usado por nazistas em Auschwitz, 2018.

¹⁸ YAD VASHEM. *O Álbum de Auschwitz*, 2017.

atrocidades realizadas pelos nazistas, um outro merece ser destacado: uma criança que se encontra no colo de uma pessoa, na parte inferior do lado direito da fotografia, encarando algo que se encontra fora do quadro da fotografia (no extracampo da imagem). A visualização imediata desse ponto permite a constatação de que tal criança está olhando o próprio autor da fotografia, mas é apenas isto que essa imagem revela? Essa é, entre tantas, uma questão que enseja o debate.

De acordo com Georges Didi-Huberman — na obra “O que vemos, o que nos olha”¹⁹ —, a “crítica da imagem produz ainda uma imagem dialética”. Isso significa que ao abrir-se no olhar do sujeito, “expelindo imagens, esse objeto nunca será apenas um objeto, impondo ao sujeito a dialetização permanente”²⁰:

[...] a experiência entre sujeito e objecto desencadeia imagens que passam a integrar o próprio objecto, disseminando-se de modo descontínuo na amálgama de discursos que constituem a história desse objecto. Ao abrir-se no olhar do sujeito, expelindo imagens, um objecto nunca será *apenas* um objecto, obrigando o historiador de arte a ‘dialectizar permanentemente – logo a cindir, logo a inquietar – o seu próprio discurso’, a percorrer o gume das contradições.²¹

Com efeito, uma imagem não é apenas uma imagem quando se pretende um olhar crítico, já que esse processo desencadeia a necessidade de dialetização: “[...] a imagem dialética como ‘despertar’ nos propõe um propósito de conhecimento”²². Nessa linha de raciocínio, o “olhar” das mulheres que caminham com as crianças ou a criança no colo de um ancião que, também, ‘olha’ — nas figuras 1 e 2 citadas antes —, não se resumem a mera imagem retratada, estas fotografias exteriorizam todo um contexto histórico que impede a negação do inimaginável e do irrepresentável como norma, dogma e imperativo.

É nessa condição que Georges Didi-Huberman explana que a captura de imagens pelos integrantes da “Sonderkommando”, que resultou na confecção de quatro fotografias do extermínio de judeus nos poços de incineração, reforça a necessidade de se negar o inimaginável e o irrepresentável como uma norma, dogma ou imperativo.²³

¹⁹ DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*, 2010, p. 184.

²⁰ ALMEIDA, Cristina Vasconcelos de. Precipitar o olhar pelo ponto de desassossego: A experiência entre sujeito e objecto em *O que nós vemos, o que nos olha* de Georges Didi-Huberman, 2012. p. 311.

²¹ ALMEIDA, Cristina Vasconcelos de. Precipitar o olhar pelo ponto de desassossego: A experiência entre sujeito e objecto em *O que nós vemos, o que nos olha* de Georges Didi-Huberman, 2012. p. 311.

²² DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*, 2010, p. 189.

²³ Cf. FELDMAN, Ilana. Imagens apesar de tudo: problemas e polêmicas em torno da representação, de “Shoah” a “O filho de Saul”, 2016. p. 138.

Portanto, a experiência que permite a imaginação não pode afastar o inimaginável em termos de imperativo, uma vez que a “Shoah” já enfrentou o “negacionismo histórico” e, se não fossem os testemunhos e os registros fotográficos verificados na ocasião dos acontecimentos — mesmo para aqueles que imaginavam o genocídio ocorrido —, as extremas atrocidades não seriam sequer imaginadas (já que inimagináveis).

3 Conclusão

A solução final perpetrada pelos nazistas com o fim de eliminar os vestígios do genocídio ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial foi capturada por integrantes da “Sonderkommando” que, ao arriscar a vida, registraram a incineração dos corpos de seres humanos (judeus) no campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau e, com isso, surpreenderam o mundo e os participantes da resistência com as fotografias publicadas, uma vez que esses não imaginavam que tais condutas estavam ocorrendo naqueles locais²⁴.

Então, ao elaborar a obra “Imágenes pese a todo: memoria visual del Holocausto”, Georges Didi-Huberman (2004) — também em resposta as críticas recebidas pelos escritos que integraram o catálogo da exposição “Memoire des camps - Photographies des camps de concentration et d’extermination nazis 1933-1999”, realizada em 2001 em Paris —, explicou que as quatro fotografias (imagens) permitem recordar e imaginar²⁵, afastando-se o inimaginável como um dogma. É o despertar.

²⁴ Esta é a explanação de DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imágenes pese a todo: memoria visual del Holocausto*, 2004, p. 37: “[...] as quatro imagens tiradas do inferno de Auschwitz são, de fato, destinadas a dois espaços, em dois momentos diferentes do inimaginável. O que eles refutam, em primeiro lugar, é o inimaginável promovido pela própria organização da Solução final. Se um membro judeu da resistência de Londres — e, portanto, que trabalhou em círculos bem informados — pode admitir que, naquele momento, era incapaz de imaginar Auschwitz ou Treblinka, o que diremos então sobre o resto do mundo?” Tradução nossa do original na língua espanhola: “[...] Se pueden enviar más lejos: las cuatro imágenes arrebatadas al inferno de Auschwitz se dirigen, de hecho, a dos espacios, a dos épocas distintas de lo inimaginable. Lo que refutan, en primer lugar, es lo inimaginable fomentado por la propia organización de la Solución final. Si un miembro judío de la resistencia de Londres — y por lo tanto, que trabajaba en círculos bien informados — puede admitir que era, en ese momento, incapaz de imaginar Auschwitz o Treblinka, ¿qué diremos entonces del resto del mundo?”

²⁵ “Para lembrar, você tem que imaginar”. DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imágenes pese a todo: memoria visual del Holocausto*, 2004, p. 55. Tradução nossa do original na língua espanhola: “Para recordar hay que imaginar”.

Referências

ALMEIDA, Cristina Vasconcelos de. Precipitar o olhar pelo ponto de desassossego: A experiência entre sujeito e objecto em *O que nós vemos, o que nos olha* de Georges Didi-Huberman. Revista de História da Arte. Coimbra, n. 10. 2012, p. 309-311.

Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/16839/1/RHA/CVAlmeida.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2018.

HISTORY. Assim funcionava o Zyklon-B, o gás usado por nazistas em Auschwitz. In: History. Disponível em: <https://seuhistory.com/noticias/assim-funcionava-o-zyklon-b-o-gas-usado-por-nazistas-em-auschwitz>. Acesso em: 07 dez. 2018.

DANZINGER, Leila. Shoah ou Holocausto: a aporia dos nomes. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, Belo Horizonte, v. 1. n. 1. out. 2007, p. 50-58. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/985>. Acesso em: 06 dez. 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imágenes pese a todo: memoria visual del Holocausto*. Tradução Mariana Miracle. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2004.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010.

FELDMAN, Ilana. Imagens apesar de tudo: problemas e polêmicas em torno da representação, de “Shoah” a “O filho de Saul”. ARS (São Paulo), v. 14. n. 28. dez. 2016. p. 135-153. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/ars/article/view/124999/121903>. Acesso em: 06 dez. 2018.

FLUSSER. Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume, 2011.

YAD VASHEM. O Álbum de Auschwitz. In: El País. 27 jan. 2017. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/25/album/1485359848_410460.html#foto_gal_1. Acesso em: 6 dez. 2018.

YAD VASHEM. Yad Vashem - The World Holocaust Remembrance Center, 2019. Disponível em: <https://www.yadvashem.org>. Acesso em: 07 dez. 2018.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do Escrever: Kafka, Derrida e Literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018.